



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLV  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**WÊNIA BATISTA DE LIMA**

**A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO ESPAÇO DE SUBALTERNIDADE  
NO ROMANCE *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**PATU - RN**

**2022**

WÊNIA BATISTA DE LIMA

A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO ESPAÇO DE SUBALTERNIDADE NO  
ROMANCE *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Ma. Sidileide Batalha do Rêgo

PATU - RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

L732s Lima, Wênia Batista de  
A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO  
ESPAÇO DE SUBALTERNIDADE NO ROMANCE BECOS  
DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO. / Wênia  
Batista de Lima. - Patu, 2022.  
45p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Sidileide Batalha do Rêgo.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em  
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Mulheres negras. 2. Sexualização. 3.  
Subalternidade. 4. Conceição Evaristo. I. Rêgo, Sidileide  
Batalha do. II. Universidade do Estado do Rio Grande do  
Norte. III. Título.

WÊNIA BATISTA DE LIMA

A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO ESPAÇO DE SUBALTERNIDADE NO  
ROMANCE *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 22/09/2022.

Banca Examinadora

*Sidileide Batalha do Rêgo*

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Sidileide Batalha do Rêgo

(Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

*Annie Tarsis Morais Figueiredo*

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Annie Tarsis Morais Figueiredo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

*Fernanda de Moura Ferreira*

---

Prof. Ma. Fernanda de Moura Ferreira

Instituto Federal Rio Grande do Norte - IFRN

Dedico aos meus pais, que abraçaram esse sonho junto comigo e tornaram tudo possível.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me amar de uma maneira surreal e por ter me amparado em tantos momentos em que o medo tentou me paralisar. Sei que o teu amor e sua misericórdia estarão sempre comigo.

Aos meus pais, a quem dedico essa conquista, sem o amor e o apoio deles jamais conseguiria chegar até aqui. Em tantos momentos que pensei em desistir e não me senti capaz, foi somente por eles que continuei e permaneço nessa caminhada. Todo meu amor e gratidão por não medirem esforços para realizarem os meus sonhos e não me abandonarem em nenhum momento. Sempre será tudo por e para vocês.

Ao meu irmão, minha inspiração enquanto profissional e ser humano, que mesmo de longe acompanhou todo processo e me deu forças para chegar até aqui. Amo você e sei que nunca estarei sozinha.

Aos demais familiares, que também contribuíram para esse momento chegar. Obrigada por sempre torcerem por mim.

A minha orientadora, Sidileide Batalha, que mesmo com tão pouco tempo de convivência, tornou-se uma pessoa especial na minha vida. Serei eternamente grata pela paciência, amizade e profissionalismo diante um momento tão difícil que é a escrita da monografia. Minha gratidão também aos demais professores do curso de Letras do CAP-UERN. Obrigada por partilharem todo amor e conhecimento nesses 4 anos de formação.

A minha banca, a quem agradeço a disponibilidade de contribuir com o meu trabalho. Annie Figueiredo, que também é responsável pelo pouco do que sei hoje. A sua sabedoria diante a vida é admirável. Obrigada por tudo. A Fernanda Ferreira, que mesmo não tendo convívio, mostrou-se humana e dedicada na participação da defesa do meu projeto de monografia. Que Deus te abençoe sempre.

A minha professora, Lailsa Ribeiro, por me apresentar Conceição Evaristo e me encorajar a mergulhar no mundo da literatura. Os seus ensinamentos estarão sempre em mim.

Aos meus colegas, Jhenypher, Ítalo, Severino, Thauan, Willian e Jéssica. Que estiveram junto comigo desde o primeiro período. Sem o apoio e parceria de todos esse sonho não seria realizado.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade analisar a sexualização da mulher negra no espaço de subalternidade no romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Assim, abordaremos a objetificação e a sexualização do corpo feminino negro e como o espaço de subalternidade, descrito na obra, pode influenciar para a acentuação dessa objetificação. Para tanto, utilizamos como aporte teórico os estudos de Davis (2016), Gonzalez (2020), Alves (2011), Carneiro (2019), Ribeiro (2018), Nascimento (2019), Candido (1970), Bernd (1988), entre outros. Dessa forma, observamos as marcas históricas da sexualização do corpo feminino negro presente desde o período escravocrata, observaremos ainda a importância da literatura negra e a escrita de Conceição Evaristo, ainda atentamos para análise sobre a construção da sexualização do corpo feminino negro na obra, e as reflexões sobre a acentuação dessa objetificação no espaço de subalternidade. Diante disso, foi perceptível que a sexualização e objetificação do corpo feminino negro é evidente entre nós, e a partir da narrativa de Conceição Evaristo, percebemos esse fato, ainda constatamos como os fatores econômicos presente nos espaços marginalizados pela sociedade acentua para a configuração da objetificação do corpo negro, visto que, a situação de pobreza intensifica ainda mais a vulnerabilidade social, oprimindo-as das oportunidades.

**Palavras-chave:** mulheres negras; sexualização; subalternidade; Conceição Evaristo.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the black women sexualization in the subalternity space in novel *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo. Thus, we will approach the objectification and sexualization of the black female body and how the subalternity space, described in the novel, can influence to accentuate this objectification. Therefore, we used as theoretical support the studies of Davis (2016), Gonzalez (2020), Alves (2011), Caneiro (2019), Ribeiro (2018), Nascimento (2019), Candido (1970), Bernd (1988), among others. Thus, we have observed the historical marks of the black female body sexualization present since the slavery period. Besides that, we have seen the importance of black literature and the writing of Conceição Evaristo; and, we have analyzed the sexualization construction of the black female body in that novel, and the reflections on the accentuation of this objectification in the subalternity space. In view of this, it was noticeable that the black female body sexualization and objectification is evident among us, and from the narrative of Conceição Evaristo. In addition, we have perceived and seen how the economic factors present in marginalized spaces by society accentuate the configuration of blackbody objectification, since the poverty situation further intensifies social vulnerability, oppressing them with opportunities

**Keywords:** black women; sexualization; subalternity; Conceição Evaristo.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 MARCAS HISTÓRICAS E REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA.....</b>	<b>13</b>
2.1 Corpo feminino negro como objeto sexual: uma marca histórica.....	13
2.2 A Literatura Negra: a escrita da resistência.....	17
2.3 Conceição Evaristo: a voz dos oprimidos .....	21
2.4 O feminismo e a posição da mulher negra na sociedade.....	22
<b>3 A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO ESPAÇO DE SUBALTERNIDADE: UMA ANÁLISE DA OBRA <i>BECOS DA MEMÓRIA</i>, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.</b>	<b>27</b>
3.1 A sexualização do corpo da mulher negra: uma análise a partir da personagem Cidinha-Cidoca.....	27
3.2 A subalternidade: o espaço literário como denúncia social e estigmatização para o corpo feminino negro .....	36
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde as sociedades mais antigas, somos inseridos em uma conjuntura social marcada pelo machismo e patriarcado, que nos ditam e nos fazem crer que aquilo nos é destinado de maneira natural. Sabemos que nenhum meio biológico nos determina como viveremos socialmente, conforme afirma (Beauvoir, 2019, p.11) “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” O tornar-se mulher em uma sociedade, que insiste em limitá-las em espaços privados dos seus lares, se configura por uma conjuntura social criada ao longo da história.

A obra *Becos da memória* (2017) de autoria de Conceição Evaristo, retrata, a partir de diversos personagens, um pouco sobre o cotidiano das pessoas que moram no espaço da favela. Com escrita fluída, mas sem excluir os fatos difíceis do cotidiano daquele ambiente, a autora nos leva a refletir e entender uma realidade de um espaço, que é, por muitas vezes, esquecido pela sociedade e pelas autoridades. A autora é conhecida por abordar de maneira literária, em seus livros, contos e romances, vivências que são marginalizadas pela sociedade. Desse modo, a escritora da voz a favela, a mulher negra, aos esquecidos e oprimidos. É possível sentir a atmosfera pela escrita, sem perder o afeto da escrita literária, ela nos envolve durante a narrativa.

Nesse sentido, tendo em vista a sexualização da mulher no espaço de subalternidade, a presente pesquisa surge no desejo de analisar a obra, a partir de estudos literários, com ênfase no papel em que a sociedade padroniza a mulher negra de forma erotizada, compreendendo como se fez a construção histórica dessas mulheres. Observando na narrativa, como o corpo da mulher negra ainda se apresenta como objeto de sexualização, e como o espaço retratado na obra tem influência social para essa caracterização, a partir de fatores econômicos, políticos e sociais. Assim, a nossa pesquisa se relaciona para o seguinte questionamento: Por que o corpo da mulher negra, por muitas vezes, é observado apenas como um objeto de desejo sexual?

Assim, compreendemos que pertencemos a uma sociedade na qual, por muitos anos, o papel da mulher foi ditado pelo modelo patriarcal, sendo a mulher, um sujeito se torna alvo de discriminações. Desse modo, quando falamos da mulher

negra, temos todo um contexto histórico-cultural e social que influencia e intensifica a construção social do corpo como uma realidade sexualizada. Nessa visão, em nossa pesquisa, levantaremos as seguintes hipóteses, sendo confirmada ou refutada ao final desse estudo analítico, a sexualização do corpo feminino negro se construiu historicamente; A sexualização apresenta-se com maior frequência em espaços de subalternidades, por fatores econômicos e sociais, como apresentado na obra *Becos da memória* (2017) de Conceição Evaristo a ser estudada nesta pesquisa.

Logo, o nosso maior objetivo está focado em analisar a representação da sexualização do corpo da mulher negra no espaço descrito na obra, bem como investigar como se dá a construção de um espaço subalternizado, a favela, a partir do olhar e das memórias de quem vivenciou esse ambiente; pretendemos também examinar como acontece a sexualização e objetificação do corpo feminino negro dentro desse espaço, e por fim, contribuir com os estudos da crítica feminista e literários, dando voz e vida para esses movimentos que são tão importantes.

Assim, percebemos a importância de compreender como os espaços, como a favela, retratado no romance *Becos da memória* (2017) da autora Conceição Evaristo, são, por muitas vezes, esquecidos e marginalizados. A fome, a miséria e ausência de oportunidades são características cotidianas de quem habita nesses espaços. Investigar e compreender, a partir da visão de alguém que vivenciou esse ambiente, é de extrema importância para que esses lugares se mostrem presentes e lembrados dentro da sociedade. Além do mais, é de inteira importância investigar o porquê da objetificação e da sexualização do corpo feminino negro, observando o feminino, a partir de uma obra de autoria feminina. Pois, por mais que a escritora aqui citada seja de grande importância e relevância dentro do âmbito acadêmico, os assuntos por ela retratados são, por muitas vezes, esquecidos e ignorados pela nossa sociedade.

É perceptível que desde o período escravocrata que o povo negro vem sendo penalizado. Entretanto, para as mulheres negras, existia um problema a mais, pois “as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas” (DAVIS, 2016, p. 25). Assim, é perceptível que a sexualização desse corpo, percorre entre nós, por muitos anos e torna-se inadmissível que ainda perpassasse por uma sociedade

que tanto se transforma ao longo desses anos. Diante disso, é de suma importância estudos que contemplem essa temática, para que possamos cada vez mais, dar espaço a um debate tão importante, no que diz respeito a nossa sociedade. Como afirma a estudiosa, Djamila Ribeiro (2018), pedir para que se encerre assuntos referentes ao machismo e racismo, por ser consideramos como “cansativos”, é pedir para que se mantenha as coisas como estão.

Sendo assim, nossa pesquisa se faz relevante, pois mesmo já sendo um assunto que contempla alguns estudos, percebemos o quanto o debate sobre a mulher negra tem importância para a comunidade acadêmica e a nossa sociedade como um todo, principalmente porque ainda se percebe conclusões equivocadas, por parte da sociedade, que não possui conhecimento de todo um contexto histórico. Portanto, levantar debates sobre um tema tão recorrente em nossa sociedade, a partir de uma obra literária, com autoria de uma mulher negra, nos proporciona uma visão mais ampla de um assunto tão pertinente. A literatura se torna uma representação da sociedade, e nos possibilita debater, de maneira literária, sobre temas tão pertinentes e necessários para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Compreender e acolher a dor dessas mulheres que se sentem incapazes de despertar o afeto genuíno de um parceiro, e não ter o seu corpo somente como fonte de prazer e diversão. Assim, é preciso entender como todo esse estereótipo do corpo feminino foi construído socialmente, e como essa marca da sexualização transporta dor e solidão para a mulher, e percorre, por mais frequência, por espaços marginalizados pela sociedade, como retratado na obra.

Assim, nossa pesquisa, seguindo a linha da crítica feminista, tem como *corpus* para análise a obra literária *Becos da memória*, com autoria de Conceição Evaristo (2017). Para isso, utilizaremos como aporte teórico, os estudos de Davis (2016) com a análise sobre a situação da mulher negra no período escravocrata, Carneiro (2019) com os estudos sobre a importância do feminismo negro, Nascimento (2019) observando a posição em que a mulher negra tem ocupado na sociedade, Bernd (1988) com a introdução a literatura negra, Alves (2011) sobre a importância da literatura negra, Gonzalez (2020) sobre a mulher negra na sociedade brasileira, dentre outros.

Assim, nosso estudo é voltado para uma pesquisa qualitativa, explicativa, documental e exploratória. Portanto, seguindo com nosso estudo, por meio das

análises dos trechos, observaremos na obra os momentos em que esse corpo feminino negro aparece, tomado pela sexualização e como o espaço subalterno ali construído pode intensificar essa erotização do corpo. Desse modo, o nosso trabalho está estruturado em dois capítulos, sendo o primeiro intitulado “Marcas históricas e representatividade da mulher negra”, observamos as marcas históricas da sexualização do corpo feminino negro presente desde o período escravocrata, atentamos ainda para a importância da literatura negra e a escrita de Conceição Evaristo. Por fim, depreendemos sobre o feminismo e a posição da mulher negra na sociedade. No segundo, intitulado “A sexualização da mulher negra no espaço de subalternidade: uma análise da obra *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo”, analisamos a personagem Cidinha-Cidoca e toda construção da sexualização do seu corpo, bem como também abordamos o espaço de subalternidade descrito na obra e seu reflexo para a acentuação dessa sexualização, a partir de fatores econômicos e sociais.

## **2 MARCAS HISTÓRICAS E REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA**

Nesse capítulo, antes de analisarmos a obra em si, abordaremos sobre marcas históricas para a sexualização do corpo feminino negro. Observando que esse corpo foi usado no período escravocrata, não somente para a realização da mão de obra, mas que também foi abusado e explorado sexualmente. Buscamos entender que mesmo após tantos anos, esse corpo ainda permanece sexualizado e oprimido por uma classe racial que se diz superior e detentora de poderes e direitos.

Atentaremos ainda, para a importância da literatura negra, observando a importância desses escritos e subjetividades pertencentes a cada obra. Compreendendo sua relevância para o meio social e acadêmico diante as lutas contra o racismo e opressão. Abordaremos ainda um pouco sobre vida, escrita e obra de Conceição Evaristo, destacando a relevância dessa autora para a literatura brasileira. Por fim, atentaremos ainda para a importância do feminismo na luta dos direitos das mulheres, compreendendo um pouco sobre a relevância da luta das mulheres negras diante uma sociedade que se configura no sistema patriarcal.

### **2.1 Corpo feminino negro como objeto sexual: uma marca histórica**

Vivemos em uma sociedade na qual nossos valores são, por vezes, determinados a partir do nosso gênero, classe social e nossa raça. Assim, ser mulher e negra, o viver se torna um ato de resistência em um país onde se propaga a cultura machista e racista. Entretanto, entendemos que o ser humano não nasce com seus valores sociais formados, como afirma Nelson Mandela “para odiar as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar.” Assim compreendemos que essa cultura perpassa em nossa sociedade como “heranças” de uma conjuntura que insiste em manter posicionamentos que inferiorize os sujeitos que não se encaixe em um padrão eurocêntrico, sujeitos esses em que a sociedade mantém o respeito: homem, branco, classe média e alta.

Diante disso, se torna uma inquietação pensar por que o corpo feminino negro se torna um objeto de sexualização, limitado, por vezes, apenas ao desejo sexual, sem destinar amor e afeto a estes corpos. Assim como toda formação social, estes atos se configuram a partir de períodos históricos que estabeleceram durante o tempo, relações de poder mediante a nossa coletividade social.

O período escravocrata foi um momento histórico em que se determinou posições presentes até hoje em nossa sociedade. Segundo Davis (2016) fica evidente a insuficiência de pesquisas que se destinem a estudar, especificamente, sobre a mulher negra no que diz respeito ao período de escravidão, analisando sua construção real. Nessa visão, a autora afirma que: “Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação.” (DAVIS, 2016, p. 24).

Nesse tópico não faremos um estudo amplo sobre a história da mulher negra no período escravocrata, mas observaremos como as marcas desse período tornam-se responsáveis por construir uma figura feminina sexual e objetificada a partir de atos cometidos pelos colonizadores, atos esses que passam a serem desenvolvidos até o contemporâneo.

No período da escravidão, enquanto grande parte das mulheres eram destinadas aos cuidados do lar e da família, as mulheres negras ocupavam trabalho nas lavouras e dividiam com os homens o trabalho braçal. Assim, mesmo que as mulheres brancas ainda estivessem em posição inferior, destinada ao espaço privado, ainda estavam em vantagem social mediante o período escravista. Davis (2016) afirma:

Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras. O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. (DAVIS, 2016, p. 24)

Assim, percebemos que no sistema escravista não existia diferenças mediante aos gêneros, todos eram vistos como objetos úteis para a produção de renda. Com isso, percebemos que para as mulheres escravizadas seu gênero não foi visto como frágil. Um corpo feminino negro já era disposto como um corpo em que tudo suporta, sendo propriedade de senhores brancos e detentores de poder, que seria usado de qualquer maneira para a seus interesses lucrativos.

Tal qual a maioria dos escravos, a maior parte das escravas trabalhava na lavoura. Embora nos estados localizados na fronteira entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos uma quantidade significativa de escravas realizasse trabalhos domésticos, as escravas do extremo Sul – o verdadeiro núcleo do escravismo – eram predominantemente trabalhadoras agrícolas. (DAVIS, 2016, p. 24-25)

Diante disso, observamos que, em relação ao trabalho escravo, as mulheres se mantinham em igualdade ao gênero masculino. Segundo Davis (2016) as mulheres só apresentavam diferença quanto aos homens, a partir de sua condição de gênero, onde podiam serem exploradas sexualmente. Assim, percebemos no período escravocrata o corpo da mulher negra já era tomado como objeto de cunho sexual, o seu corpo usado para satisfação dos seus proprietários, sendo diminuídas e oprimidas a sua condição enquanto mulher. Vejamos o que Davis (20016) nos apresenta:

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 25)

Assim, nesse período histórico o corpo feminino negro foi explorado para as várias formas de produção. Davis (2016, p. 25) reitera que “Quando a abolição do tráfico internacional de mão de obra escrava começou a ameaçar a expansão da jovem e crescente indústria do algodão, a classe proprietária de escravos foi forçada a contar com a reprodução natural”. O corpo dessas mulheres, para além da sua mão de obra, foi observado como um objeto “valioso” para produzir mais trabalhadores e conseqüentemente aumentar a capacidade de lucros para os senhores.

Assim, as escravas eram analisadas em sua fertilidade, quanto mais propensa a gravidez, maior era a validade daquela mulher. Entretanto, Davis (2016) afirma que nem ao menos em sua função de mãe eram respeitadas e preservadas, pelo contrário, eram vistas somente como “instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava”. Mesmo grávidas, precisavam continuar no trabalho nas lavouras, cumprindo com a sua participação diária de trabalho, e, se deixasse de cumprir com alguma obrigação, não eram isentas da agressão física.

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras. (DAVIS, 2016, p. 26)



Portanto, fica evidente que o corpo negro desde no período escravocrata foi utilizado como objeto, sendo para as mulheres um peso ainda maior por terem os seus corpos invadidos e abusados sexualmente por aqueles que se intitulavam proprietários de tudo. Logo, é possível perceber o quanto a história marca e perpassa por nossa sociedade mediante o tempo, mesmo após tantos anos desse período, esses corpos continuam sofrendo as violências físicas, morais e sexuais.

Diante disso, ainda é importante frisar que esses abusos sexuais fundaram o mito da democracia racial em nosso país. A partir de uma violação e exploração do corpo feminino negro, contamos uma história de que a nossa sociedade brasileira é livre de tais preconceitos, pois fazemos parte de um país miscigenado. Gonzalez (2020) reitera:

(...) em termos de Brasil, estava no fato de que os “casamentos inter-raciais” nada mais foram do que o resultado da violentação de mulheres negras por parte da minoria branca dominante (senhores de engenho, traficantes de escravos etc.). E esse fato daria origem, na década de 1930, à criação do mito que até os dias de hoje afirma que o Brasil é uma democracia racial. (GONZALEZ, 2020, p. 43)

Assim, é perceptível o quanto a história do nosso país vem sendo contada e tomada como verdade, majoritariamente, por uma classe racista que se firma como superior, causando, naqueles que não possuem conhecimentos sobre a realidade dos fatos, a certeza de que o povo negro, principalmente a mulher negra, nunca foi submisso. Ao contrário disso, a história que nos é contada é de que não houve violência, nem ao menos trabalho escravo. É o que afirma Gonzalez:

A história oficial, assim como o discurso pedagógico internalizado por nossas crianças, fala do brasileiro como um ser “cordial” e afirma que a história do nosso povo é um modelo de soluções pacíficas para todas as tensões ou conflitos que nela tenham surgido. Por aí se pode imaginar o tipo de estereótipos difundidos a respeito do negro: passividade, infantilidade, incapacidade intelectual, aceitação tranquila da escravidão etc. (afinal, como disse Aristóteles, existem pessoas que nasceram para dirigir e outras para serem dirigidas). (GONZALEZ, 2020, p. 44)

Em suma, mesmo diante de tantas conquistas e apontamentos para tais atos inadmissíveis, a nossa sociedade ainda permanece racista e machista. Os brancos ainda persistem na ideia de autoritarismo e se apresentam como proprietários desses corpos, principalmente das mulheres negras. Vivenciamos diariamente o corpo feminino negro sendo erotizado, invadido, humilhado, abusado, com isso se torna indispensável compreender as marcas histórias vividas por esses povos da forma como tudo aconteceu, sem romantização e justificativas que buscam apagar

uma história composta não só de dor, mas também de muita luta. Diante disso, no próximo tópico, abordaremos sobre a literatura negra e como ela se torna primordial para que essas mulheres tenham a possibilidade de veicular e fazer circular suas vozes, que suas histórias sejam contadas, ouvidas e compreendidas.

## **2.2 A Literatura Negra: a escrita da resistência**

Durante muitos anos as mulheres não tinham permissão de estudar, trabalhar e ter acesso aos meios literários. Assim, quando algumas mulheres, vale ressaltar que essas mulheres pertenciam a uma classe média a alta da sociedade e que, pelo mínimo que fosse, ainda tinham acesso aos livros, que ainda insistiam nesse movimento precisavam publicar as suas obras com pseudônimos, por muitas vezes com nomes masculinos, para que assim a autoria daquele texto publicado não fosse revelada.

A partir disso percebemos que, como em grande parte dos âmbitos da nossa sociedade, a escrita literária também já foi um espaço habitado, quase que majoritariamente, por homens e que dispõe desses privilégios para manter a sua superioridade. Mas, mesmo com tantos avanços em nosso meio, esse ainda é um problema que afeta a literatura contemporânea, mantendo o predomínio canônico para as escritas masculina e branca.

A literatura afro-brasileira é composta por grandes autoras(es) que usam da escrita como forma de memórias, representatividade e denúncias sociais. Nesse viés, destacamos escritoras femininas como Maria Firmina dos Reis; Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo, autora essa com a obra a ser analisada nesta pesquisa, são de grande importância e relevância para levantar debates e questionamentos sociais, apresentando temas que promovam inquietação e incômodo para toda nossa comunidade. É preciso conhecer mais sobre esses escritos literários que evidenciam a presença e a vivência do povo negro em nosso país, elevando a representatividade de grupos que são marginalizados em nossa sociedade, como afirma Evaristo (2009):

Ninguém nega que o samba tem um forte componente negro, tanto na parte melódica como na dança, para se prender a um único exemplo. Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura, uma escrita afro-brasileira? A questão se localiza em pensar a interferência e o lugar dos afro-brasileiros na escrita literária brasileira? Seria o fazer literário algo

reconhecível como sendo de pertença somente para determinados grupos ou sujeitos representativos desses grupos? (EVARISTO, 2009, p.17)

O silenciamento literário diante a escrita negra, em nosso país, é algo inquestionável. Nas escolas e nas universidades, por exemplo, esses escritos são, por vezes, esquecidos. A escrita negra, busca, principalmente, a legitimação de suas histórias. Evidenciar uma história contada não somente pelos brancos, mas pela sua escrita, a escrita de si. Como bem usa a autora Conceição Evaristo, sobre o termo *escrevivência*:

O termo tem como imagem fundante as africanas e suas descendentes escravizadas dentro de casa. Uma das funções delas era contar histórias para adormecer os meninos da casa-grande. A palavra das mães pretas e bás era domesticada, na medida em que tinham que usá-la para acalantar essas crianças. Hoje a escrevivência das mulheres negras não precisa mais disso. Nossas histórias e escritas se dão com o objetivo contrário: incomodar e acordar os da casa-grande. Não estamos aqui para ninar mais ninguém nem apaziguar as consciências. (EVARISTO, 2018, p.37)

Assim, compreendemos a importância dessa literatura para nossa sociedade, a literatura negra busca evidenciar as vozes dos marginalizados e oprimidos. Em um cenário onde a literatura brasileira se compõe, por vezes, por um gênero e raça, fica impossível se discutir sobre as outras partes da sociedade. E é justamente isso que a escrita negra revela, a outra face. Compreender essa outra face para além de personagem negros, descritos por brancos, que são estigmatizados em seus escritos. Mas um resgate de suas histórias do seu povo sem máscaras e romantização do ser negro em uma sociedade racista. Vejamos o que Bernd (1988) sintetiza sobre a literatura negra:

Em síntese: a presença de uma articulação entre textos, determinada por um certo modo negro de ver e de sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma escritura negra vocacionada a proceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia. Logo, uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e de escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro. (BERND, 1988, p. 22)

Escrever em nosso país é um ato de resistência e busca constante pela afirmação de seus direitos. Como reitera Alves (2011, p.183) “Ser mulher e escritora no Brasil é romper com o silêncio, a “não-fala” e transpor os espaços que definem procederes e funções preestabelecidas.” Diante disso, é possível perceber que o

espaço feminino, que nos foi colocado, foi o do silenciamento e apagamento, o falar, escrever, denunciar se torna ato de rebeldia para o rompimento dos preconceitos firmados em nossa sociedade. Assim, delimitando a literatura feminina, para uma literatura negra feminina, encontramos a duplicidade de preconceitos, gênero e raça, e ainda mais questionamentos sobre sua capacidade de escrita e de fala diante a sociedade.

A escrita feminina negra proporciona que tenhamos um olhar mais amplo para a vivência dessas mulheres diante nossa sociedade, como afirma Alves (2011, p. 185) “(...) há uma produção e reprodução de símbolos no discurso poético-ficcional de escritoras negras destoantes das escritoras brancas. Embora ambas vivenciem o silenciar (não-fala), o lugar de produção é outro significativamente diferente.”

Nesse sentido, percebemos o quanto a escrita e a literatura dizem muito sobre uma sociedade. Quando uma mulher negra se apresenta como escritora, impondo sua voz, suas vivências, seus amores, frustrações, vida, filhos, comunidade, denunciando os espaços do seu trabalho onde, por vezes, sofrem as imposições de seus patrões, a reação daqueles em que buscam o silenciamento é de desconforto e fúria. Seja no trabalho, na família, nas instituições religiosas, as mulheres precisam demonstrar o dobro de capacidade dos homens para que possam serem levadas a sério e desfrutarem dos privilégios de serem ouvidas, cenário esses, onde poucas vezes acontece.

E para uma mulher negra? Como que a informação de que ela possuiu capacidade de escrita literária e rompe com os padrões até então impostos na literatura brasileira é recebida? Uma mulher negra composta por conhecimentos e capacidade crítica para debater diante tantos fatos na sociedade? São sobre esses fatos que as escritas dessas mulheres perpetuam e resistem em uma sociedade preconceituosa, machista e sexista. É no não-lugar que essas mulheres residem e permanecem para que suas vozes ecoem aos mais diversos locais, e inspirem outras mulheres a desenvolver o mesmo sentido. É o que diz a pesquisadora, de maneira poética sobre a Literatura Negra:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe (...) essa escrita tira o véu, descobre-se e toca, mediante as palavras, o próprio corpo sem escamotear os conflitos de raça e cor, tira as máscaras das relações de gênero e raça da sociedade onde está inserida. Muito mais que isso, traz à tona a voz, o rosto

(re)interpretados em emoções próprias para registrar e se autorrepresentar no território da Literatura. (ALVES, 2011, p. 185 e186)

Assim, é perceptível a importância da Literatura Negra para todas as camadas da sociedade, possibilitando diálogos, trocas de conhecimentos, e aprendizagens. Erradicar o racismo em nosso país é um feito quase que impossível, pois, infelizmente a sociedade se mantém, por vezes, indisposta a sair da zona de conforto, pois o que já está posto é, por muitas vezes, o melhor para aqueles que detém do poder político-econômico, e lutar contra se torna desanimador. Mas acredito que o primeiro passo para que possamos ir nos moldando e nos livrando desses preceitos que foram para nós ditados, é contemplando a Literatura Negra.

Os textos destas escritoras afrodescendentes revelam vários contornos de uma face-mulher ocultada, e a visibilidade dos rostos-vida é desenhada nas falas da existência. Ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade-mulher que não é mais o “outro” dos discursos. (ALVES, 2011, p.186)

É na busca por vivenciar os fatos que talvez consigamos compreender a história e vida desses povos. A quebra de uma sociedade patriarcal só é possível através da ruptura dos silenciamentos sofridos. Protagonizar esses escritos, não se trata de isentar outros, mas sim de abrir espaços para essas mulheres que foram/são destemidas e tiveram o ato de coragem de se posicionar diante o preconceito pré-estabelecido por sua raça e gênero, como bem afirma Alves (2011) em seu texto sobre a Literatura Negra Feminina no Brasil,

Ao assumir esta identidade literária, as afro-brasileiras ultrapassam o cordão de isolamento, colocam o bloco na Avenida Brasil da literatura. Rompe-se, neste ato, com a parcialidade que é falar de literatura feminina (ou escrita por mulheres) sem levar em conta a amplitude das vivências relatadas pelas afrodescendentes. Não se trata de mera divisão temática somente, mas de um chamado à revisão de conceitos, não só literários, mas de transformações da sociedade brasileira no cerne da mentalidade patriarcal subjacente, nascida claramente na instituição de um sistema escravocrata.” (ALVES, 2011, p. 187 e188).

Dar voz, espaço e legitimidade para essa escrita, talvez, nos proporcionará, no futuro, uma sociedade mais justa e igualitária, aberta aos diálogos disposta a aprender sobre os mais diversos assuntos. Uma sociedade que combata o preconceito e que respeite o lugar de fala de cada um de seus enunciados, pois, em uma sociedade tão avançada nos seus mais diversos âmbitos, é insustentável a

prática de oprimir sujeitos a partir do seu gênero, raça ou classe. A Literatura Negra vive e resistirá.

### **2.3 Conceição Evaristo: a voz dos oprimidos**

As informações sobre a biografia de Conceição Evaristo que estarão contidas nesse texto, estão disponíveis no site *Literafro*<sup>1</sup>. Em um depoimento apresentado pela própria Conceição, ela relata sobre a trajetória de sua vida, marcadas por dores e superações. Nascida em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte – MG, a escritora teve uma infância difícil marcada pela pobreza e pelo sofrimento de pertencer a espaços marginalizados em nossa sociedade. Aos 8 anos, idade essa que deveria ser destinada ao lazer e brincadeiras, Conceição já trabalhava e buscava sustento para sua vida. A própria autora relata sobre esses momentos “Consegui algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós” (EVARISTO, 2009).

Mesmo com a pobreza e todos os outros problemas que afetaram a vida de Conceição, em seu lar sempre houve apoio e incentivo aos estudos, talvez a mãe soubesse que seria a única forma de resistir e superar aquelas condições apresentadas para eles. Dessa forma, foi na escola que a autora relata que “descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um “apartaid” escolar” (EVARISTO, 2009). Sentia e vivia a sensação da divisão entre ricos que estudavam no andar de cima da escola e pobres que ficavam alojados no porão da escola, assim, para essa divisão Conceição Evaristo faz uma comparação: “Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios” (EVARISTO, 2009). A autora enfatiza que não nasceu rodeada de livros, mas sim de palavras, e talvez isso explique um pouco a sua escrita, as histórias e memórias contadas a partir daqueles com quem conviveu durante sua vida e marcou sua trajetória.

Conceição, mesmo com todas as incertezas que persistia em seu caminho, resistiu através da escrita literária. A autora é Graduada em Letras pelas UFRJ; foi

---

<sup>1</sup> Disponível no link <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>

professora da rede pública; possui mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a temática da dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996); é também Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese intitulada *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011).

Graduada, mestre e doutora; Escritora, mulher e negra é dona de uma escrita única. Sendo assim, Conceição aborda e escancara para a sociedade o cotidiano de pessoas oprimidas, esquecidas e marginalizadas. Uma denúncia para todos os tipos de opressão e omissão. A vivência de mulheres que sofrem das mais diversas formas de violência diariamente. As obras como, *Olhos d'água* (2014); *Ponciá Vicêncio* (2003); *Becos da Memória* (2006) dentre tantos outros, nos proporcionam reflexões sobre como a nossa sociedade de constrói a partir das desigualdades sociais, raciais e de gênero. A partir de sua escrita, aqueles que eram silenciados e esquecidos ganham voz e corpo para manifestar não somente dores e sofrimento, mas também, histórias de lutas e superação que merecem estar nas prateleiras, escolas e universidades de todo o nosso país.

#### **2.4 O feminismo e a posição da mulher negra na sociedade**

Foi durante a Revolução Francesa que as mulheres passaram a questionar e reivindicar os seus direitos enquanto sociedade. Nesse período o espaço privado era a elas destinado, principalmente, os cuidados com o lar e família. É na metade do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos que se inicia os primeiros passos do movimento feminista. Assim, o feminismo passa a ser desenvolvido em quatro ondas. É importante ressaltar que não faremos uma análise categórica sobre as ondas do feminismo, mas buscaremos compreender um pouco do movimento, para que assim, possamos compreender o espaço da mulher negra em nossa sociedade.

Segundo Marques (2018) inicialmente, esse movimento era composto por mulheres burguesas da época que “reivindicavam por direitos políticos iguais, educação e mudanças na legislação sobre o casamento” (p. 2). Assim, as mulheres passaram a exigir os seus direitos de trabalho e o direito ao voto. Abordavam questionamentos mediante as violências sofridas em seus lares, onde quase sempre, as mulheres passavam a maior parte do seu tempo, cuidando, seja dos

filhos, do lar ou do marido. Com o passar do tempo, o próprio movimento passou a se questionar sobre a presença das demais mulheres nessas lutas, que não fossem mulheres brancas e de classes com poder aquisitivo mais alto na sociedade. Desse modo, é reconhecido a diversidade feminina e as suas particularidades, como a classe social e a raça a qual pertencia.

É compreensível o papel do movimento feminista no que diz respeito a luta de mulheres que ainda buscam por uma sociedade mais justa e igualitária. Como afirma (Beauvoir, 2019, p. 95) “O mundo sempre pertenceu aos machos.” Assim, percebemos que desde sempre, nós mulheres, somos inseridas em ambientes machistas em que a figura masculina se posiciona, quase sempre, como superior. É perceptível a tentativa de silenciar a nossa voz, mas, aos poucos, esse cenário vem se modificando e a luta feminina ganhando seu espaço. Sendo assim, o movimento feminista vem possibilitando maior força as mulheres na luta pelos seus direitos. De acordo com Carneiro (2019), o movimento de mulheres em nosso país é um dos mais importantes e respeitados do mundo. A autora afirma:

Esse movimento destaca-se, ainda, pelas decisivas contribuições no processo de democratização do Estado produzindo, inclusive, inovações importantes no campo das políticas públicas. Destaca-se, nesse cenário, a criação dos Conselhos da Condição Feminina – órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e combate à discriminação contra as mulheres. (CARNEIRO, 2019, p. 295 pdf)

Foram muitas as conquistas no que diz respeito aos direitos das mulheres, a autora ainda aborda sobre os acontecimentos que permeavam pela esfera privada, como a violência doméstica e sexual, tornando-se assuntos para o de interesse público, progredindo assim para criações de instituições de proteção a mulher e novas concepções de políticas públicas que promovessem o debate e o cuidado para o público feminino. Além do mais, a ocupações de mulheres em cargos do âmbito público, foi mais uma conquista alcançadas pelo movimento feminista em nosso país, assim Carneiro (2019, p.296 pdf) enfatiza “Um dos orgulhos do movimento feminista brasileiro é o fato de, desde o seu início, estar identificado com as lutas populares e com as lutas pela democratização do país”.

Entretanto, Carneiro (2019, p.297 pdf) ressalta sobre como o feminismo esteve durante muito tempo em uma visão individualista, sendo incapaz de identificar as diferenças existentes dentro do universo feminino, “dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas



de opressão, além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade”. É nesse sentido que a autora apresenta a expressão *enegrecendo o feminismo*, “utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro” (p.297). A autora destaca que é preciso que se compreenda que cada grupo possui suas especificidades diante a luta. No caso da mulher negra é perceptível que o racismo que enfrentam, diariamente, as posicionam em mais um grau de “diferença” diante a uma sociedade que se formou e insiste em se posicionar, até hoje, de maneira racista e machista, como afirma a autora:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres... (CARNEIRO, 2019, p. 275)

De acordo com Ribeiro (2018, p. 51) “o feminismo negro começou a ganhar força a partir da segunda onda do feminismo, entre 1960 e 1980”, a autora destaca que esse movimento iniciou, também, pelo fato das mulheres negras sobre essa temática desenvolvendo uma literatura feminina negra, como foi abordado no tópico acima. A autora também afirma sobre a resistência de algumas feministas brancas em perceber as particularidades que as afastam das mulheres negras. Ribeiro (2018, p. 53) enfatiza que “enquanto feministas brancas tratarem a questão racial como birra e disputa, em vez de reconhecer seus privilégios, o movimento não vai avançar, só reproduzir as velhas e conhecida lógicas de opressão”.

Diante disso, percebemos o quanto a luta das mulheres negras precisam ser ouvidas e debatidas para que seja possível uma construção social mais justa. Por mais que mulheres brancas sofram, diariamente, com as opressões de uma sociedade patriarcal, é preciso que se compreenda, que, mesmo assim, ainda estão em situação de privilégio diante das mulheres negras. Como afirma (Carneiro, 2019, p. 324 pdf) historicamente as mulheres negras nunca foram postas em uma posição de fragilidade, pois estiveram sempre no trabalho e precisaram demonstrar sempre sua força e resistência em relação a sociedade que as recebem, desde o período escravocrata, como inferiores e submissas a suas ordens. Assim, não somente a desigualdade de gênero merece atenção, mas também as diferenças raciais e sociais em nossa sociedade. As oportunidades e tratamentos mediante essas especificidades, são totalmente diferentes em nosso convívio social. Como bem afirma a pesquisadora:

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência.” (CARNEIRO, 2019, p. 326 pdf)

Dessa forma, para o bom funcionamento desses movimentos, é importante que se compreenda as particularidades diferentes que cada grupo de mulheres apresenta. Focar apenas na questão do gênero não será possível a realização efetiva na busca de nossos direitos, enquanto mulheres. Um bom exemplo para compreendermos essa problemática é sobre a atuação da mulher negra no mercado de trabalho. Nascimento (2019) nos proporciona uma análise prática sobre essa questão. A autora nos apresenta que para que possamos compreender melhor a posição da mulher negra no mercado de trabalho, é necessário que seja feito um retorno para o período colonial. Vejamos o que a autora afirma:

Devido ao caráter patriarcal e paternalista, atribui-se à mulher branca o papel de esposa e mãe, com a vida dedicada ao seu marido e filhos. Deste modo, seu papel é assinalado pelo ócio, mantendo-se amada, respeitada e idealizada [...] contrariamente à mulher branca, sua correspondente no outro polo, a mulher negra é considerada uma mulher essencialmente produtora, papel semelhante ao do homem negro, isto é, desempenha um papel ativo. (NASCIMENTO, 2019, p. 284 pdf)

Assim, as mulheres escravizadas desempenhavam não somente o trabalho na casa dos senhores, o seu trabalho também se mantinha nas terras, assim como os homens escravizados. Dessa forma, em nossa sociedade o poder econômico estabelece uma hierarquia social, determinando quais cargos e posições os sujeitos serão selecionados a ocupar, em que, os fatores econômicos e sociais interferem diretamente nessa tomada de decisão. Como afirma Nascimento (2019, p.286) “O critério racial constitui-se em um desses mecanismos de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, resultado de patente discriminação”. Logo, percebemos que a mulher negra, onde esse sistema exerce sua dominação, continua ocupando espaços que lhes foram destinados desde o período da escravidão, tudo isso devido ao fato de pertencer a raça negra.

Portanto, ocupar cargos mais altos, ou cargos em que se precise manter relações sociais de poderes, pode ser um fator para a discriminação e a ausência de mulheres negras nesses espaços, tendo em vista que, em uma sociedade racista, a raça negra se caracteriza como inferior, e é vista como incapaz de ocupar cargos de níveis mais altos. Diante disso, não descredibilizando a ocupação e relevância de mulheres brancas no mercado de trabalho, mas percebemos que a mulher negra, para além do gênero, sofre o preconceito racial que as inferiorizam e as posicionam em situações de submissão.

Sendo assim, como afirma Carneiro (2019), *enegrecer* esse feminismo se configura na compreensão de que é preciso um olhar para as particularidades, onde não somente as questões de gênero, já que o critério racial, as separam em posições na nossa sociedade. A luta contra o preconceito racial é uma luta de toda a sociedade, não ficando direcionada somente aos negros. E no que diz respeito as mulheres negras, é uma luta também de todo o movimento feminista, que luta no direcionamento de uma sociedade livre de preconceitos, para as próximas mulheres que impulsionarão o movimento feminista.

### **3 A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO ESPAÇO DE SUBALTERNIDADE: UMA ANÁLISE DA OBRA *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Este capítulo busca analisar, a partir da obra literária *Becos da Memória* (2017) de Conceição Evaristo, como o corpo feminino negro é observado, por vezes, apenas como um objeto de desejo e satisfação sexual. Refletindo então, como essas marcas se fazem presentes em nosso meio e despertam diversas formas de preconceito. Trataremos ainda sobre o espaço constituído na obra e como esse ambiente pode se apresentar como fatores determinantes para que essa objetificação aconteça, entendendo como esse espaço pode se apresentar como fator a mais de subalternidade, economicamente falando.

#### **3.1 A sexualização do corpo da mulher negra: uma análise a partir da personagem Cidinha-Cidoca**

A obra *Becos da memória* (2017) de autoria de Conceição Evaristo, nos apresenta e possibilita debates sobre os mais diversos assuntos que permutam pela favela, sobre a vida dos mais oprimidos e esquecidos no que diz respeito aos poderes da sociedade. A partir de diversos personagens Conceição relata, por meio de suas memórias, suas vivências e as de pessoas que vivenciaram aquele espaço da favela, bem como o sofrimento do desfavelamento e incerteza do futuro, a própria autora enfatiza sobre essa perspectiva: “Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*.” (2017) No que diz respeito a construção de personagens na literatura, Candido aborda sobre as relações entre o fictício e o real:

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 1970, p. 40 pdf)

Desse modo, a personagem Cidinha-Cidoca, mesmo tão pouco aparecendo em termos de escrita na obra, possibilita valiosos debates e questionamentos sobre a realidade no que diz respeito ao corpo feminino, especificamente ao corpo feminino negro. A construção dessa personagem nos proporciona reflexões acerca

da configuração da nossa sociedade, no que diz respeito as mulheres, especificamente as mulheres negras.

No primeiro Capítulo desse trabalho, abordamos sobre como o corpo negro é visto historicamente como um objeto para a ampliação de riquezas daqueles que detém poder maior na sociedade. E como o corpo feminino negro foi usado, não somente para o trabalho “braçal” do campo e das casas dos senhores, mas também como objeto sexual, seja para satisfação, ou para ampliação de mão de obra, a partir da sua capacidade de procriar nas terras onde eram escravizados.

No primeiro momento em que a personagem aparece na obra, percebemos que se trata de uma lembrança da narradora sobre o passado de Cidinha-Cidoca. Vejamos:

Cidinha-Cidoca andava muito quieta ultimamente. Quem te viu quem te vê!... Alheia pelos cantos do botequim, nem cachaça exigia mais. Suja, descabelada, olhar parado no vazio. Se lhe dessem um trago, bebia. Se não lhe dessem, nem da segura da boca reclama mais.

- Bons tempos já houve, hein, Cidoca!... (CONCEIÇÃO, 2017, p.21)

A partir desse momento, depreendemos que se trata de uma personagem que corriqueiramente andava pelos botequins nos becos da favela. Nos trechos “Cidinha-Cidoca andava muito quieta ultimamente. Quem te viu quem te vê!...”; “Bons tempos já houve, hein, Cidoca!...” (2017, p.21) entendemos que essa personagem já teria vivido um período de alguma abundância, seja na sua vida, seja no seu corpo. Cidinha-Cidoca possuía história e muita vivência naquele espaço. Portanto, o “andava quieta” nos faz refletir enquanto o corpo dela possuiu vida, felicidade e desejo eminente de viver, mas agora estaria cansado, o corpo pedia repouso. É considerável contemplar para o “olhar parado no vazio” de Cidinha-Cidoca, fazendo depreender sobre como a personagem se sentia perdida, o seu olhar não atentava para nenhum horizonte ou algum futuro, estava o seu destino sem rumo.

No corpo de Cidinha-Cidoca existia vida para além da carne, entretanto, foi marcado pela sexualização e objetificação da satisfação do desejo sexual, e em nossa sociedade, em muitos momentos, essa marca sexual não é diferente. A literatura nos proporciona, por vezes, a representação da nossa sociedade, o que somos e como vivemos em conjunto a ela, assim, não é um reflexo que se mostra de forma exata, mas nos representa e nos propõe repensar enquanto coletividade que exercemos, ou deveríamos exercer, nas lutas e nas conquistas sociais. Como coloca

para nós, a pesquisadora Gonzalez (2020, p. 50 pdf) “Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão”. Desse modo, a personagem Cidinha-Cidoca se apresenta para nós enquanto sociedade em moldes de submissão por causa da sua raça, gênero, e sua realidade econômica.

Diante disso, a voz da narradora irá consolidar em quase toda narrativa, em que a personagem aparece, como uma mulher desejada sexualmente por seu corpo e suas curvas, também, pela fama de cessar o desejo sexual através do seu sexo prazeroso. Observando para nossa realidade, essa condição é dada, quase sempre, para as mulheres negras. Como afirma Gonzalez:

O ditado “Branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar” é exatamente como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente, ela é a faxineira, arrumadeira e cozinheira, a “mula de carga” de seus empregadores brancos; como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do Carnaval cuja sensualidade recai na categoria do “erótico-exótico”. (GONZALEZ, 2020, p. 154 pdf.)

Seguindo a diante com a narrativa, o corpo de Cidinha-Cidoca continua a ser comentado e analisado a partir de sua sexualização. Sendo assim, um corpo que se estigmatiza somente pela capacidade de se desfrutar do prazer sexual. Cidinha-Cidoca é explorada apenas nesse viés pelos olhares da sociedade. Vejamos um trecho no qual percebemos essa análise e projeção a partir da perspectiva sensual, erotizada e estigmatizada:

Bonita a mulher, mesmo com aqueles olhos parados e com aquela carapinha de doida! Bonita a mulher! Doida mansa, muito mansa.

Antes gostava de andar de branco. Quando sempre usando um vestido solto sobre o corpo. A sombra de sua negra nudez era percebida sob o camisolão alvo. Era tudo muito bonito e tentador. (CONCEIÇÃO, 2017, p.21)

Nesse momento da narrativa, depreendemos para além da exaltação do seu corpo bonito e tentador, a situação em que se encontrava o seu interior, essa personagem que tinha tanto o seu exterior exposto na vitrine como mera mercadoria, sentia e sofria com os sentimentos que afagava o seu peito, se tornaria “doida mansa”. É importante observar para o adjetivo “doida” dada a personagem, adjetivo muito usado no intuito de menosprezar e diminuir o outro, sendo assim

desqualificada mais uma vez. Mesmo diante de tudo, continuava bonita e desejada, o único meio pelo qual Cidinha-Cidoca poderia ser enxergada. Entendendo a profissão de Cidinha-Cidoca, como prostituta, podemos observar o quanto estaria afetando na sua vida. As mulheres negras, ao apresentar-se, com suas curvas avantajadas, insulta o mito de potência e desejo sexual sempre aflorado. Um corpo construído com a narrativa de sempre disposto a satisfazer o apetite carnal do outro. Braga (2020) quando escreve sobre a história da beleza negra no Brasil, abordando leitura histórica a enunciados, nos apresenta sobre os discursos propagados em relação ao corpo feminino negro:

A verdadeira negra tem um corpo exposto, oferece-o aos olhos de quem observa, traz uma boca entreaberta (como que pronta a entregar-se aos beijos de quem a deseja), porta uma roupa insinuante (que mostra mais do que esconde) e um olhar que revela uma suposta maldade da raça, como já cantava Bororó na década de 1930. E de outro modo não poderia ser: é pelo corpo que a reconhecemos. (BRAGA, 2020, p. 247-248)

Ainda é importante atentarmos para um fato simbólico que é apresentado na narrativa. O vestido branco que a personagem vestia sobre o seu corpo negro. No *dicionário dos símbolos*<sup>2</sup>, a cor branca remete a pureza; limpeza, já a cor preta significa penitência e condenação. Assim, apresenta-se um contraste com o corpo negro de Cidinha-Cidoca, o branco da pureza “a cor da revelação, da graça, da transfiguração que deslumbra e desperta o entendimento.” (CHEVALIER, 2001, p. 144) contrastando com o preto sombrio e malévolo “compreendido sob seu aspecto frio e negativo. Cor oposta a todas as cores é associada às trevas primordiais.” (CHEVALIER, 2001, p. 740) “(...) gostava de andar de branco. (..) A sombra de sua negra nudez era percebida sob o camisolão alvo.” (CONCEIÇÃO, 2017, p.21) assim, pelo camisolão alvo era possível vislumbrar toda a tentação que encontraria no corpo negro de Cidinha-Cidoca.

Diante disso, entendemos a crítica que está entrelaçada na narrativa, mediante a exposição desses corpos negros e tentadores. Os discursos de sexualização, propagados sobre esses corpos, insulta ainda mais o mito da intensidade sexual e sensualidade especificamente para mulheres negras. Assim, essas mulheres utilizam do seu corpo, com roupas que explorem e deixem a mostra

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/branco/> Acesso em: 29/08/2022

aquilo que é atraente e fascinante aos olhos dos que depositam nelas o dever de suprirem com os desejos sexuais tido por eles. Quando Cidinha-Cidoca é apresentada com seu “camisolão alvo”, percebemos essas características de exposição daquele objeto. Diante disso, vejamos o que diz Gonzalez (2020) sobre as marcas dessa profissão:

A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho”. Atualmente, o significante mulata não nos remete apenas ao significado tradicionalmente aceito (filha de mestiça de preto/a com branca/o), mas a um outro, mais moderno: “produto de exportação”. A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado”, para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. (GONZALEZ, 2020, p. 51 pdf.)

Cidinha-Cidoca exercia profissão na qual conhecemos, popularmente, como de mulher da rua, prostituta, garota de programa, dentre outros nomes aos quais socialmente referem-se a essas mulheres. Um corpo que se posiciona mercadoria, mas que é isento de afeto e demonstrações de carinho. Essa perspectiva é algo que está muito evidente em nossa sociedade, mas são assuntos que caem em esquecimento mediante uma construção racista e patriarcal da coletividade.

A construção que a autora faz na narrativa, a partir dessa personagem, apresenta-se como uma crítica para inquietar a sociedade em geral, no que diz respeito a essas mulheres, que por vezes, só são lembradas mediante a apresentação e exposição do seu corpo como mecanismo da sensualidade, mas, em outros momentos, são esquecidas e marginalizadas. Essas mulheres são tratadas como se não pertencessem a raça humana, não sendo dignas de respeito e de afeto. Mulheres que de acordo com a sociedade não possuem a característica de “fragilidade feminina”.

Seguindo com a narrativa, em mais um momento o corpo de Cidinha-Cidoca é a apresentação da vez. Percebemos que observar e compreender sobre as outras áreas da vida dessa personagem não se fazem necessário, pois, o que se oportuna e se mostra interessante é realmente o que se apresenta no seu externo e toda a sua capacidade de encantar aos desejos dos homens. Essa construção de relatar somente o corpo, apresenta-se para nós como uma crítica diante a sociedade, em que muitas vezes, observa a mulher somente como mercadoria e nenhum conteúdo



a mais se torna interessante, se não o seu corpo e a sua sexualização. Atentaremos para o seguinte trecho:

Diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o “rabo de ouro”. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, moços e até crianças. As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca. As mais velhas temiam pelos seus homens, as mocinhas por seus namorados e as mães por seus filhos que começavam a crescer e que, entre o vício da mão, do autocarrinho, preferiam o corpo macio e quente, preferiam o “rabo de ouro” da Cidinha-Cidoca. (CONCEIÇÃO, 2017, p.21 e 22)

Nesse momento, uma parte específica do corpo da mulher veio à tona, o seu “rabo de ouro”. Mas teria esse nome por ser valioso e de difícil acesso? É evidente que não. O “rabo de ouro” de Cidinha-Cidoca se apresenta como mais um objeto sexual daquele corpo negro e explorado, que estaria ali para os olhares e as satisfações sexuais dos que apreciavam e finalizam os desejos a partir do sexo de Cidinha-Cidoca. Em nosso meio, as mulheres negras são evidenciadas como preciosas, somente em alguns momentos, em um deles, em festas tradicionais em nosso país, como o carnaval. Lélia Gonzalez (2020), nos apresenta esse processo de “rainha” durante esse momento. Vejamos:

Carnaval. Rio de Janeiro. Como sempre, o leitmotiv é bebida, mulheres e samba. É mágico, como um conto de fadas, dizem os comentaristas de rádio e televisão. Há penachos, lantejoulas, muita extravagância e luxúria, imperadores, bandeirantes e exploradores, deuses africanos e indígenas, animais, gays, reis e rainhas, marajás, escravos, soldados, baianas, ciganos, havaianos — todos sob o comando dos toques de tambor e do remexer dos quadris das mulatas que, na opinião de muitos, são de “outro mundo”.

“Olha elas naquele carro alegórico chique ali.”

“Que pernas, cara!”

“Olha aquela passista remexendo. Que bunda! E olha como ela mexe o umbigo. Ela deve ser muito boa de cama! Está me enlouquecendo!”

E assim vão, a ginga e o sorriso das rainhas que mandam beijos como se fossem bênçãos para seus famintos súditos, naquele show de mágica e encantamento. Como um conto de fadas. (GONZALEZ, 2020, p. 149 pdf)

O carnaval é um evento em que por vezes, promove-se a exibição desses cenários dos mais oprimidos e marginalizados pela sociedade. Essas pessoas ganham brilho e tem as atenções voltadas para elas. Entretanto, no contar das histórias, mais uma vez temos o corpo da mulher estigmatizado em decorrência da objetificação sexual. Assim como Cidinha-Cidoca, a sua bunda, seu “rabo de ouro” ganham mais atenção e produzem ali a sexualização desses corpos. Cidinha-Cidoca podia ser tratada como uma mulher, mas o seu corpo é entendido, pelo mito de que

as mulheres negras possuem um sexo “fora do normal”, avassalador e sem pudor e por isso, são esses corpos das mulheres negras, tidos como livres da pureza, que cessam os prazeres sexuais, como um alimento a ser saboreado e degustado.

É durante os desfiles das escolas de samba que a mulata, em seu esplendor máximo, perde o anonimato e se transforma em uma Cinderela: adorada, desejada e devorada por aqueles que foram até lá justamente para cobiçá-la. Sabendo que amanhã sua fotografia estará nas páginas de todos os jornais e revistas internacionais, elogiada e admirada pelo mundo inteiro, ela segue magicamente, mais e mais brilhante naquele espetáculo luminoso. (GONZALEZ, 2020, p. 150 pdf)

Assim, depreendemos o quanto nós, enquanto seres humanos vivendo em comunidade, anulamos toda problemática que envolve os nossos discursos diante os sujeitos, principalmente quando falamos da raça negra. A ideia da mulher negra como objeto de sexualização se formou e perpetua pelo fato de mantermos uma hierarquia social mediante o sofrimento e a miséria do outro, de permanecer com o pensamento de dominação e superioridade diante as minorias sociais.

Sabemos que todas as mulheres sofrem com o sexismo presente em nossa sociedade patriarcal, porém, as mulheres negras estão em um patamar maior de desigualdade pois enfrentam o racismo e, por vezes, a pobreza que permanecem para elas. É o que apresenta, Gonzalez (2019, p. 261) em seu texto sobre Racismo e sexismo na cultura brasileira: “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto, têm mais é que ser favelados.”

Cidinha-Cidoca, é uma personagem que muito tem a oferecer. Analisando o seu corpo e a sua vida, depreendemos sobre a vida, a tristeza, a miséria, o sofrimento e o sexo. A personagem dessa narrativa não passará apenas como um corpo, mas sim o corpo que permite e nos oportuna refletir sobre a realidade de um país conserva-se em uma onda de intolerância, discriminação e preconceito com aqueles que ocupam lugares conhecidos como inferiores.

Prosseguindo com a vivência de Cidinha-Cidoca, a narradora apresenta mais uma vez sobre o estado de uma possível “loucura” da personagem, nos fazendo compreender que ela realmente estaria adoecida. Vejamos:

Bom que ela estava doida, demente, desmiolada! Bom mesmo! Diziam até que era trabalho de uma moça virgem que criara mágoa de Cidinha. A

menina havia descoberto que seu namoradinho andava visitando Cidinha-Cidoca. Falou com ele. O franguinho em véspera de galo não gostou. Discutiu, argumentou que era homem. E homem tinha de ir lá! Homem não era igual a mulher! Homem vai ou endoida! Sobe pra cabeça!

A menina não gostou. – Moça-Virgem, porém boba não! Endoida que nada! Conversa de homem para dominar mulher! Pensa que mulher também não gosta, também não quer? Mulher vive abafando a vontade, os desejos, principalmente se moça virgem como eu! – ela retrucou.

O “frango em véspera de galo” não gostou. Achou a virgem saliente, achou a virgem não tão virgem assim!  
E não se sabe por quê, daí para então, questão de dias, de quase mês, Cidinha-Cidoca começou a adoecer. (CONCEIÇÃO, 2017, p. 22)

Nesse momento da narrativa, compreendemos que Cidinha passa por um ápice de sofrimento. Estaria Cidinha doida, doida mansa? Ou estaria ela sofrendo e vivenciando a dor de pertencer a um corpo perpassado pela ideia do sexo, na ausência do afeto. Tanta coisa vivida ao longo dos anos, o sexo, o corpo desejado, mas existia a insuficiência de vida.

Outro ponto importante de ressaltar a partir desse trecho, é sobre a concepção de sexo e desejo existente somente para o homem, como se tratasse de uma formação especial no corpo, em que a mulher não deve desejar a relação sexual, e caso deseje e o faça se torna estigmatizada assim como Cidinha-Cidoca. Nesse trecho “Discutiu, argumentou que era homem. E homem tinha de ir lá! Homem não era igual a mulher! Homem vai ou endoida! Sobe pra cabeça!” (2017, p.22) percebemos de fato o quanto esse mito está intrínseco a nós, na ideia passada para as meninas, em que a virgindade e a pureza precisam fazer parte de sua vida e desejando o contrário o seu corpo e sua “reputação” estará sujo diante a sociedade. Nesse pensamento, formamos mulheres que se submetem a dominação masculina. Quando a moça-virgem responde que o seu corpo também deseja sexo, o seu companheiro se desagrada do que ouve: “Achou a virgem saliente, achou a virgem não tão virgem assim!” (2017, p.22) Ele sim poderia procurar e satisfazer o seu desejo, entretanto a moça deveria permanecer no seu local de ingenuidade.

Mas se para o desejo do ato sexual em que o homem, que se considera “macho” convive, como seria consumado essa excitação pelo corpo feminino, se as mulheres precisam se resguardar quanto ao sexo?. É nesse ponto em que o corpo negro entra em cena, o corpo de Cidinha-Cidoca era isento da pureza da virgindade, um corpo da cor do pecado. Essa ideia de pureza somente para mulheres brancas é algo que perpassa a nossa sociedade desde o período escravocrata, quando o

corpo negro era invadindo na explicação dos impulsos masculinos mediante a virgindade das mulheres brancas. Davis nos apresentar um pouco sobre essa afirmação:

Seria um erro interpretar o padrão de estupros instituído durante a escravidão como uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos, reprimidos pelo espectro da feminilidade casta das mulheres brancas. Essa explicação seria muito simplista. O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão. (DAVIS, 2016, p. 38)

Em muitos momentos da história o corpo feminino negro foi posto para ser utilizado em detrimento do outro. Em muitas narrativas, a mulher negra é colocada ou como doméstica, ou como propagando de um corpo esbelto e tentador. Corpo esse que responsabilizam o ato dos homens perderem a cabeça e necessitar ir de encontro, como apresentado no trecho: “homem vai ou endoida!” (2017, p.22) dizia o “frango em véspera de galo” (2017, p.22), a crítica instaurada nesse trecho se propõe muito atual em nossa contemporaneidade, no qual o prazer sexual é privado para o corpo da mulher, especificamente mulheres brancas. O corpo negro, fica responsável por satisfazer a tentação, e logo depois de ser usado, convém ao esquecimento e se torna alvo de julgamentos, por vezes, daqueles que o gozou.

O corpo de Cidinha-Cidoca fazia sucesso entre os becos da favela. Na narrativa, a autora relata sobre festivais de bola que acontecia na favela, momentos de diversão para proporcionar o esquecimento de tanto sofrimento ali vivenciado. Nesse momento, mais uma vez se é destacado a personagem Cidinha com seu corpo sendo em evidência. Atentaremos para o trecho:

Festiva de bola no campo. Festival no corpo de Cidinha-Cidoca. Tempo de novo homem, de homem estranho chegar no corpo de Cidinha. As mulheres gostavam, enquanto ela se divertia com os homens do time contrário, os seus estavam resguardados.

Havia homem que nem bola chutava, só pensando em Cidinha-Cidoca. A fama da mulher corria. Era conhecida de corpo e nome naquela e outras favelas. (CONCEIÇÃO, 2017, p. 25 e 26)

“Festival no corpo de Cidinha-Cidoca” é o ápice da narrativa onde percebemos a total sexualização e objetificação desse corpo feminino negro. Percorrer pelo campo e pela carne negra, a mais barata do mercado como bem disse Elza Soares, de Cidinha seria a diversão dos homens ali presentes. Cidinha era “conhecida de corpo e nome naquela e outras favelas”, a fama de sua profissão a levava a ser popular e renomada quando o assunto era prazer. Em momentos

seguintes da narrativa percebemos um desejo em Cidinha em partir, observaremos nos seguintes trechos:

Às vezes, um ou outro jogador mais afoito, do time contrário, arriscava pedir à Cidinha que mudasse de pouso, que fosse com ele. Cidinha tinha mesmo vontade de conhecer outros lugares. Seu peito arfava de desejo por áreas desconhecidas. Era uma tentação. Afinal por que ficar? Já conhecia quase todos os homens da favela. Iria! O aventureiro se sentia feliz, vitorioso, levaria consigo o melhor troféu, “Cidinha-Cidoca-rabo-de-ouro”. Corria os olhos em volta, sabia que estava sendo observado. Os antigos homens, pretensos donos de Cidinha estava na espreita. Deitar com ele ou outro sim, ela podia, afinal era fama, prestígio para a favela, mais um para contar as delícias da mulher. Porém, Cidinha, ir, saltar as divisas, ultrapassar os limites do campo empoeirado... Não! Nem ela nem ele seriam doidos para se metrem em tamanha loucura. (CONCEIÇÃO, 2017, p.26)

Nesse momento da narrativa, percebemos o desejo da personagem de percorrer por outros espaços, conhecer novos horizontes. Talvez esse desejo surgisse da vontade de escapar daquela miséria que a rodeava. Talvez ir, significasse uma nova esperança na narrativa. Entretanto, percebemos mais uma vez os olhos e julgamentos para Cidinha, o seu corpo só poderia receber visita, jamais pouso. O seu corpo e o seu sexo pertencia a muitos, pertencer a só uma seria impossível para ela, “ultrapassar os limites do campo empoeirado” se configura com a perda daquele corpo para as satisfações sexuais, e isso ela jamais poderia ter.

“O peito de Cidinha-Cidoca arfava mais forte. Que desejo era aquele de partir?” (p.26), é perceptível que ela não estava realizada no que fazia, talvez isso explique o estado de “doida mansa” em que Cidinha se apresentou em alguns momentos da narrativa. O seu corpo, por inteiro, sentia que merecia muito mais do que a sexualização que o foi colocado como a sua melhor característica. Cidinha, que se mostra em poucos momentos, apresenta-se como uma personagem de grande complexidade. A história dessa personagem não nos deixa somente o seu sexo. Cidinha e todas as mulheres carregam todas as dores, preconceitos e o peso da construção patriarcal, e que se reinventam e resistem a uma sociedade machista e opressora.

### **3.2 A subalternidade: o espaço literário como denúncia social e estigmatização para o corpo feminino negro**

Primeiramente, neste tópico, nos oportuna compreender um pouco sobre a subalternidade, e do que se trata esse termo. A autora Spivak, em seu texto, “*pode o*

*subalterno falar?*”, com tradução de Sandra Regina Goulart Almeida e outros autores, podemos compreender um pouco sobre a subalternidade. Assim, para o termo subalterno, Spivak (2010, p. 7 pdf) expõe “as camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. Nesse viés, a autora ainda aborda sobre o risco dos intelectuais e falarem sobre o outro, para assim produzir um discurso do subalterno, mas mantendo o mesmo silenciado e sem espaço para que sua voz possa ser ouvida.

Assim, seguindo em nossa perspectiva sobre as mulheres negras, percebemos que em nossa contemporaneidade há tentativa de silenciamento dessas pessoas que, por vezes, se apresentam em lugares de submissão diante a sociedade. A obra que estamos analisando nesse trabalho, com escrita de uma mulher negra que veio de espaços de subalternidade e marginalizados em nossa sociedade, nos possibilita compreender e entender esses espaços a partir das memórias de quem vivenciou, contemplando também a perspectiva sobre a sexualização do corpo feminino negro.

O espaço em que uma obra literária se desenvolve, diz muito sobre a configuração e construção de toda a narrativa. O espaço dessa obra nos possibilita compreender o contexto social e econômico em que aquela narrativa se constitui, assim, sendo indispensável para compreensão de atos e movimentos presentes na narrativa. Compreender o espaço literário em que a obra se apresenta, nos possibilita a reflexão para tais ações, movimentos e vivências dos personagens, ou narrador da obra. Vejamos:

(...) a definição do espaço literário como conjunto de referências discursivas, em determinado texto ficcional e estético, a locais, movimentos, objetos, corpos e superfícies, percebidos pelas personagens ou pelo narrador (de maneira efetiva ou imaginária) em seus elementos constitutivos (composição, grandeza, extensão, massa, textura, cor, contorno, peso, consistência), e às múltiplas relações que essas referências estabelecem entre si. Esse conjunto constitui o entorno da ação e das vivências das personagens no texto e surge sob a visão mediadora de um ou mais sujeitos perceptivos no interior da obra, que o apreendem (ou imaginam) e que elaboram verbalmente o resultado da percepção (própria ou alheia, seja com recursos objetivos e descritivos, seja com formulações criativas, metafóricas e associativas). (SOETHE, 2007, p. 3 pdf)

Na obra, *Becos da Memória*, o espaço de maior destaque é o da favela. A autora narra a vivência e todas as especificidades de residir nesse espaço. No dicionário<sup>3</sup>, encontramos a seguinte definição para o significado da palavra favela: “Conjunto de moradias populares que, construídas a partir da utilização de materiais diversos, se localizam, normalmente, nas encostas dos morros; comunidade.” Assim, pessoas com condições econômicas precárias, onde a realidade não os permitem uma moradia em ambientes adequados, constroem seus barracos em locais como morros, por vezes não apropriados.

A favela, um dos principais assentamentos urbanos precários brasileiros, é considerada produto da rápida expansão populacional e do déficit habitacional do Rio de Janeiro, no final do século XIX. Contribuíram para isso as circunstâncias do fim das Guerras do Paraguai e de Canudos, a abolição da escravidão e as crises da agricultura. (FILHO, 2011, p. 14 pdf)

Assim, percebemos que a muito tempo esses locais começaram a serem ocupados e considerados como locais de refúgio. Como o autor nos apresenta, vários foram os motivos em que atribuem fatores para o início dessas construções. Como por exemplo, o fim da guerra de Canudos, soldados ergueram seus acampamentos no Morro da Providência para pressionar o pagamento de salários atrasados, a partir daí, foram surgindo as habitações nesses locais.

Como já mencionado nesse trabalho, a literatura torna-se uma representação da sociedade, e de tudo que está acontecendo em nosso meio. Desse modo, esse texto literário, mesmo que por vezes possa apresentar um teor ficcional, pois se trata de memórias, e como a própria autora revela sobre a obra *Becos da Memória* “E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção.” (2017), percebemos o quanto as vivências ali retratadas se tornam reais e contemporâneas a nós. O esquecimento desse espaço diante autoridades, a fome, a miséria e a morte, perpassam pela narrativa. Assim como também o desejo e a esperança de um dia ver esses sujeitos, que tanto sofrem por serem postos a margem da sociedade, conseguindo transformar suas vidas. Por isso que se torna muito importante que o subalternizado fale, que obras como essas sejam escritas por quem já viveu aquilo que está posto.

O nosso trabalho se pauta na sexualização do corpo feminino negro, assim, é perceptível o quanto se apresentar como mulher, negra e pobre se configura em fatores para que aconteça a sexualização desse corpo. A sobrevivência no âmbito

---

<sup>3</sup> Disponível no link: <https://www.dicio.com.br/favela/> Acesso em: 29/08/22

da favela é marcada por momentos de dificuldades. A autora narra em sua obra sobre os acontecimentos que circulam por lá, a fome, a miséria, a violência, a ausência de oportunidades para o estudo, dentre tantos outros fatores. Em muitos momentos dessa narrativa é perceptível esses fatores a partir da descrição desse espaço:

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas quaravam aos sol (...) Hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado! (CONCEIÇÃO, 2017, p. 16 e 17)

Sabia por sua própria vivência, que na favela se concentrava a pobreza e mesmo a miséria. Percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais se entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia de pouco amor e muito ódio. (CONCEIÇÃO, 2017, p.137)

Tempo triste era o tempo de chuva na favela. A chuva dentro e fora dos barracos, as goteiras que deixavam uma mancha amarelada nas roupas (...) A chuva persistente acabava por amolecer as paredes do barraco (...) E quando ouvíamos um barulho, surdo, seco, apurávamos ou ouvidos esperando grito de dores humanas, alguns ficavam soterrados, principalmente velhos e crianças. (CONCEIÇÃO, 2017, p. 138,139 e 140)

Esses entre tantos momentos da narrativa percebemos a opressão em que esses sujeitos suportavam no espaço da favela. Esse espaço não é só responsável por demarcar geograficamente onde as histórias se passavam, mas é responsável pela transportação da dor, da miséria, como também algumas alegrias, em que, mesmo com toda problemática que se desenvolve, é perceptível a presença da resistência. Vivemos em um país onde o racismo se faz presente, em que o negro é sempre visto com menosprezo e apontamentos que são posicionados como incapazes e irresponsáveis. Como bem afirma a autora:

Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto, têm mais é que ser favelados. (GONZALEZ, 2019, p. 264 pdf)

A personagem Cidinha-Cidoca, analisada no tópico acima, apresenta-se como prostituta, e que tem o seu corpo, o seu sexo, o seu “rabo de ouro” como o exposto e representativo, mesmo que de forma negativa diante a sociedade, para a sua vida. Compreender o espaço da narrativa é entender a vida de Cidinha-Cidoca, as oportunidades na periferia para as mulheres negras é uma realidade cruel. Gonzalez nos apresenta as realidades dessas mulheres:



Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. (...) Antes de ir para o trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas dos filhos mais velhos com os cuidados dos mais novos (as meninas, de um modo geral, encarregam-se da casa e do cuidado dos irmãos mais novos). (...) Quando não trabalha como doméstica, vamos encontrá-la também atuando na prestação de serviços de baixa remuneração (“refúgios”) nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob a denominação genérica de “servente” (que se atente para as significações a que tal significante nos remete). (GONZALEZ,2020, p. 50 e 51 pdf)

São mulheres que, em seu total sentimento de desamparo se submetem aos mais diversos tipos de situações e trabalhos. O lugar da mulher negra ainda é estigmatizado na contemporaneidade como o mesmo lugar em que ocupou no período escravocrata e por falta de oportunidade precisam realmente ocupar esse espaço. Assim, o lugar em que Cidinha-Cidoca ocupa na narrativa é o mesmo de tantas mulheres negras de origem humilde, isso, se configura a partir de fatores políticos, econômicos e sociais. Esses espaços, por vezes, são esquecidos pelos governantes que não se preocupam e não direcionam políticas públicas para amenizar tais situações, o mercado de trabalho que não aceita em cargos que paguem salários dignos pois não se apresentam como dignas a esse espaço, uma sociedade que insiste em reproduzir os mesmos de períodos anteriores pois o racismo está enraizado nos seres humanos, desse modo, gerando a necessidade de realizar esse tipo de trabalho para garantir a sua sobrevivência. Vejamos:

Ora, no caso dessas jovens o que acontece é que visualizam esse tipo de trabalho como um meio de ascensão, como uma saída promissora do estado de pobreza em que se encontram. (...) Uma ou outra consegue se casar com algum turista europeu ou se transforma em manequim de certo renome. Mas a maioria acaba por se entregar à prostituição aberta, à bebida e outras drogas e termina como “estrela” dos “inferninhos” que pululam nas grandes cidades. (GONZALES,2020, p. 51 e 52 pdf)

Na obra percebemos que a personagem Cidinha-Cidoca, transitava por espaços na favela, conhecido popularmente como o botequim (2017, p.21), ambiente esse que se configura, por vezes, com a presença do público masculino que se reúne para beber com os demais e a procura de mulheres que estejam naquele ambiente o intuito de realizar o seu trabalho, assim, percebemos a simbologia em que esses espaço frequentado por Cidinha nos apresenta, pois mulheres que frequentam esses lugares se constituem, diante a sociedade, com

uma imagem negativa, de desqualificação, imagem essa atribuída a personagem na narrativa. Sendo assim, o espaço da narrativa, mais uma vez concede significado na construção da imagem da personagem.

A personagem Cidinha, no fim da narrativa se apresenta de maneira inativa. Nesse momento, é a concretização do estado de desamparo em que ela vivia naquele espaço. Cidinha-cidoca afirmou que iria “morrer de não viver” (p.157), um corpo tão desejado iria morrer de não viver, ela não teria vivido e aproveitado os prazeres da vida?. A reflexão da frase exposta: “morrer de não viver”, nos permite entender a solidão e a dor que essa mulher suportou. Mas Cidinha não poderia ter escolhido outra vida?, de fato até poderia, se os olhos da sociedade se voltasse, o mínimo que seja, para esses espaços esquecidos.

A morte de Cidinha-Cidoca no Buracão era inexplicável para todos. Nunca ninguém tinha morrido ali por queda. O fundo do Buracão era amaciado pela lama e mato. Externamente ela não apresentava nenhuma marca, nenhuma ferida. Teria caído lá já quase a morrer? (...) Como explicar a morte de Cidinha-Cidoca? Como explicar a morte? A mulher estava morta. Cidinha-Cidoca, durante anos de lucidez, representara a vida na favela. Ela, o corpo dela, o sexo gostoso, o prazer. Veio a loucura; primeiro, o espanto de todos; depois, o acostumar-se Cidinha-Cidoca foi virando história do passado, embora estivesse ali tão presente (...) Continuava bonita, a cabeleira encarapinhada, suja e sem trato. O corpo esguio, o camisolão sujo, imundo, antes branco. Todos olhavam Cidinha-Cidoca. As mulheres e as crianças pareciam não ter medo. Os homens, aqueles que tinham conhecido o corpo quente de Cidinha, pareciam assustados com a eterna inercia que havia tomado conta dela. (...) O buracão continuava grande e cruel. A nossa pobreza se tornou mais cruel ainda. Havia morte. Havia a morte!... (CONCEIÇÃO, 2017, p.158 e 159)

A personagem marcou a história daquele espaço, dos becos que constituem a favela, becos que representa para nós o espaço de vida de tantas pessoas que não possuem dignidade para sua moradia. Os becos das favelas se constroem para proporcionar um refúgio para esses sujeitos que caíram na vida com o desamparo. As vezes os becos apresentam-se como ruas sem saídas, nos permitindo refletir sobre as impossibilidades de mudança de vida. Na narrativa, com o desfavelamento que estava ocorrendo, mesmo com todo o sofrimento da incerteza de onde recomeçar a vida, a saída das pessoas desses becos pudesse representar uma nova chance, um renovo para quem vivenciou aquele espaço. Cidinha-Cidoca, na ausência de oportunidades, utilizava do seu próprio corpo para mantê-la na vida.

Cidinha não precisou se preocupar com a saída da favela, a personagem tão conhecida pelo seu corpo e sexo encerrou sua passagem pela favela morta num

buraco. Buraco esse que significa ainda mais a subalternidade, está abaixo, no fundo de tudo. A vida quente marcada pelo sexo, agora estava fria e imóvel. O corpo, o sexo encerrava por ali, “seria enterrada como indigente” (2017, p, 159) A morte, a pobreza e a miséria realmente existia e se protagonizava cada vez mais. Cidinha se torna para nós uma personagem que diz muito sobre a vida, diz muito sobre o morrer de não viver. A morte para o povo negro, por vezes, é uma realidade cruel para o povo negro. A morte de Cidinha ensina que ela precisava de dignidade e oportunidade, assim como a nossa sociedade precisa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante tudo que foi mencionado nesta pesquisa, depreendemos a importância de relatar cada vez mais sobre a vivência dos oprimidos na sociedade, a partir da análise da obra literária. Com o nosso olhar voltado para as mulheres negras, percebemos o quanto elas sofrem, diariamente, com o preconceito enraizado em nossa sociedade. Foi perceptível observar como o corpo feminino negro é sexualizado e se constrói historicamente, perpassando a história desse povo e permanecendo em nosso meio, de maneira incontestável. Por vezes, falar sobre esse assunto pode ser visto por alguns como exaustivo, mas fica evidente a importância de se compreender a história dessas mulheres. As mulheres negras precisam desfrutarem do privilégio de suas falas ouvidas e compreendidas pela sociedade. Desse modo, foi pela literatura que pudemos proporcionar, neste trabalho, que essas vozes fossem ecoadas.

Conceição Evaristo oportuniza entendermos esses espaços de maneira evidente, pois vivenciou e observou de perto as desigualdades sociais e o silenciamento dos oprimidos. Promover a escrita negra em nosso meio, é resgatar a história desses povos que, por vezes, são esquecidas ou até contadas por terceiros que se promovem pelo cânone literário. Esse resgate nos possibilita conhecer a verdade de perto e compreender as especificidades que essas mulheres negras necessitam diante uma sociedade que ainda se configura racista. Assim, diante dos pensamentos feministas, depreendemos nesse trabalho sobre a importância de um movimento feminista que contemplem aspectos que atentem para as particularidades de lutas das mulheres negras. O nosso comprometimento deve estar voltado para a conquista de uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim, é indiscutível que mesmo diante tantos avanços em nossa sociedade, continuamos reproduzindo os mesmos preceitos desde os movimentos coloniais. São anos de lutas por uma sociedade livre de todas as conjunturas formadas a partir de uma configuração patriarcal e preconceituosa, mas, mesmo assim, as mulheres negras continuam sendo vistas, por grande parte da sociedade, como fonte de submissão e opressão, o seu perfil corporal continua sendo visto como objeto de desejo e satisfação sexual. A ficção contada por Conceição Evaristo, apresenta-se

para nós como um movimento real em nosso meio. Diante disso, a análise literária, permite reflexões de ações vividas em comunidade, nos possibilitando voltar o nosso olhar para tantos meios de opressões que ainda continuam persistindo em nossa sociedade.

A sexualização e objetificação do corpo feminino negro é evidente entre nós, e a partir da narrativa de Conceição Evaristo, analisando a personagem Cidinha-Cidoca, percebemos esse fato, ainda constatamos como os fatores econômicos presente nos espaços marginalizados pela sociedade acentua para a configuração da objetificação do corpo negro, visto que, a situação de pobreza intensifica ainda mais a vulnerabilidade social, oprimindo-as das oportunidades. Ser mulher, negra e pobre são fatores que reforçam o preconceito, diante um contexto que se apresenta de maneira racista e machista.

É inadmissível que práticas de opressão ainda sejam aplicadas em nosso meio. Conceição Evaristo nos proporcionou refletirmos sobre como as ações da nossa sociedade refletem diariamente na vivência daqueles que estão em situação de subalternidade. Assim, é preciso que nós, enquanto sociedade, estejamos unidos para construirmos uma sociedade mais justa no que diz respeito a hierarquia social de gênero, de raça e de classe social. Não podemos mais tornar admissível que as pessoas sejam julgadas e que sofram as mais diversas formas de violência por pertencerem a tais aspectos.

Diante disso, torcemos para que esse trabalho proporcione que outras vozes e outros olhares se voltem para as mulheres negras, que novos caminhos sejam trilhados para que estejamos, a cada novo dia, mais perto de viver em uma comunidade livre do ódio instaurado entre nós. Que os olhos daqueles que nos governam também estejam voltados para aqueles que sofrem diariamente com as mais diversas formas de opressão. Enquanto estivermos debatendo e levando pautas como essas tanto para a comunidade acadêmica quanto para a nossa sociedade em geral, estaremos resistindo a todas as formas de submissão impostas. A luta contra o machismo e o racismo é um dever de todos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo a experiência vivida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra.** Editora Brasiliense, São Paulo-SP, 1988.

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas.** São Carlos: EdUFSCar, 2020.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 1970.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In: Pensamento feminista: conceitos fundamentais/ Audre Lorde...* [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. *In: Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto/ Angela Arruda...* [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)** / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Calor Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 16. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CONCEIÇÃO EVARISTO. Literafro: o portal da literatura Afro-Brasileira. 2009. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>> Acesso em: 15/08/2022

DAVIS, Angela. O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher. *In: DAVIS, Angela. Mulher, raça e classe.* [recurso eletrônico] / Angela Davis; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DICIONÁRIO de símbolos. Significado dos símbolos e simbologias. 2008. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/branco/>> Acesso em 28/08/2022

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Rio de Janeiro: 3. ed, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Esse lugar também é nosso.** [Entrevista cedida a] Ana Paula Acauan. Porto Alegre- RS, 2018. Disponível em: <<https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>> Acesso em: 10/08/2022.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009  
FAVELA. *In*: Dicionário Online de Português. 7 graus, 2009. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/favela>> Acesso em: 29/08/2022.

FILHO, Alfredo Pereira de Queiroz Filho. **Sobre as origens da favela**. 2011, Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/651>> Acesso em: 25/08/2022

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. *In*: GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. *In*: GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

MARQUES, Melanie Cavalcante; XAVIER, Kella Rivetria Lucena. **A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil**. 2018. Disponível em: <[http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos\\_completos/425-51237-16072018-192558.pdf](http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51237-16072018-192558.pdf)> Acesso em: 08/08/2022

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. *In*: **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**/ Angela Arruda... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOETHE, Paulo Astor. **Espaço literário, percepção e perspectiva**. 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.